

CEDI

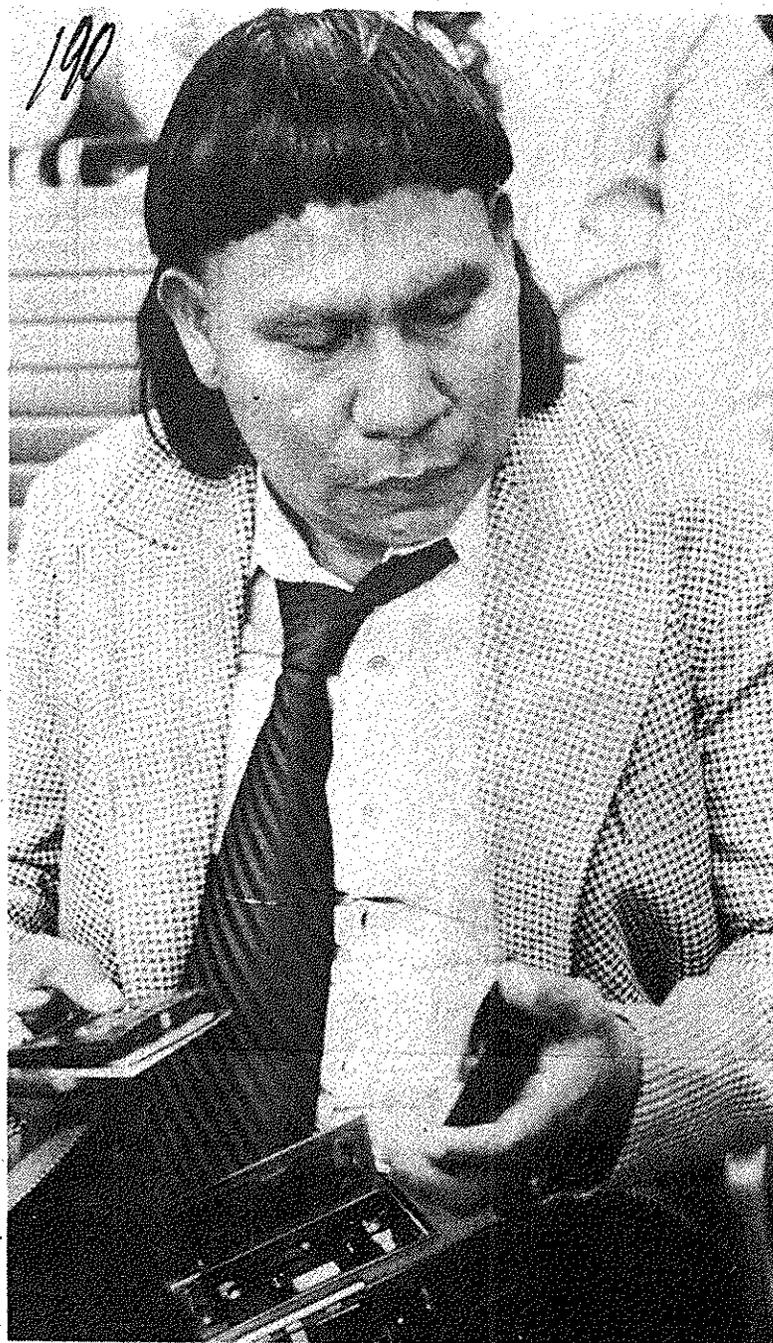
## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasília

Class.: 441

Data: 07/12/80

Pg.: \_\_\_\_\_



Roberto Jayme

Juruna defende o direito de viajar a outros países

## Para Juruna, tutela não deve cercear liberdade

Rio — “Quando índio quiser emancipação, aí sim, índio pode ser emancipado. Ninguém sabe quem está preparado para emancipação. Tutela deve continuar, mas não para proibir índio de ir onde quiser. Tem muito caboclo emancipado, mas ninguém sabe dizer o que é emancipação. Acho que não é hora de discutir isso de emancipação”.

“Se eu ficar preso na aldeia, o que eu posso aprender com o branco? Como eu vou discutir o problema do índio, se eu ficar na aldeia? Se o governo tivesse interesse em defender índio, teria me apoiado. Mas não importa que fiquem com raiva de mim”.

Figura já facilmente identificada pelo público, o cacique xavante, Mário Juruna, atraía a atenção de grande número de pessoas que se encontravam, ontem, no Aeroporto Internacional do Galeão, após o desembarque de um voo da KLM, que o trouxe de Roterdam, Holanda, onde participou do 4º Tribunal Bertrand Russel.

Ele queixou-se muito do frio europeu e lamentou ter chegado “na última hora”. “Se eu tivesse chegado no início do Tribunal, deixava muita verdade na frente do terreiro”. Apesar do atraso, Juruna acha que sua viagem à Holanda “foi bom para a comunidade indígena, porque, na próxima vez o governo não pode dizer que não pode sair”.

Ao tomar conhecimento de que o senador Jarbas Passarinho dissera que ele não representava sua gente, porque estava há muito tempo longe da aldeia, Juruna irritou-se: “Ninguém pode mandar na minha cabeça. Se eu não sair para defen-

der índio, quem pode defender? Senador vai defender? Índio passando fome, quem defende? Eles estão com medo porque estou levando a sério problema do índio”.

E lançou um quase-desafio: chego terça-feira a Brasília. Se Passarinho quiser vou conversar com ele no gabinete dele.

Juruna confessou-se surpreendido com os relatos que ouviu no Tribunal Russel. Na sua maneira de falar, por aproximações, circundando a idéia até completar o pensamento, o cacique disse que não estava entendendo direito “o que o povo estava discutindo”. Pensava, diz ele, que só no Brasil índio passava necessidade, mas os índios de outros países levaram seus problemas, às vezes piores do que no Brasil. “Nunca sonhei que índio de outros lugares passavam pior do que nós. Eu pensava que massacrados só existia no Brasil”.

A decisão do Supremo Tribunal Federal concedendo-lhe o direito de viajar deve servir de lição à Funai: “Vamos ver se com essa decisão a Funai cria vergonha. Se tiver vergonha. Se não, não tem jeito”. Ele disse que sertanista que não é a favor do índio, fica lá, (na Funai), ninguém mexe. “A gente pensa que Funai gosta de índio. Não é. Eles querem é o emprego. Governo gasta muito dinheiro com funcionários. Para atender o índio não sobra nada”. Juruna disse que “qualquer autoridade dos brancos não tem o direito de falar em nome do índio. Hoje, continuou, “quem fica com a chave das pessoas são os militares.